Narrativas de si: estratégia de formação para (re) pensar a docência articulada ao processo de formação do sujeito.

Oneself Narratives: training strategy for (re) think the teaching articulated to the formation of people.

Claudia Flores Rodrigues[1]

Resumo:
Na atualidade, pesquisas em Educação têm mostrado o quanto a memória apresenta-se como um dado fundamental no processo formativo ulterior do sujeito, quando este se constitui professor. Assim, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, é possível utilizar como **estratégia de formação** o recurso de elaboração de relatos autobiográficos por parte dos professores com o fito de reconstruir a história da sua trajetória como educador/a. Nesta proposição, identificam a memória de si e de seus pares, analisando como este passado desempenhou um papel ativo na construção de sua identidade profissional e pessoal. Este apontamento contém parte da escrita de um memorial, enquanto meio e estratégia para pensar na constituição do ser docente em articulação com o processo de desvelar-se para se constituir sujeito da própria história. Trata-se de uma pesquisa autobiográfica por meio da narrativa de si como uma metodologia de trabalhar e significar a vida.

Palavras-chave: formação continuada, relatos autobiográficos, estratégia de formação, trabalho docente.

Abstract
Research in Education have shown how the memory is presented as a fundamental element in the training of the subject, when he is a "teacher." The action of the University in continuing education for practicing teachers increasingly emerges from a demand that has been answered through actions and projects of university extension. Thus, from an interdisciplinary perspective, it is possible to use as a training strategy the resource of autobiographical narratives made by teachers with the aim of reconstructing the history of his career as an educator. By this proposition they identify the memory of themselves and their peers, analyzing how this past has played an active role in building their professional and personal identity. The work begins with the writing of the researcher's memorial as a means and strategy to think about the constitution of teachers in conjunction with the process of revealing oneself as the subject of history. This is an autobiographical research, through the narratives of life as a methodology to give meaning to work and life.

Keywords: continuing education, autobiographical narratives, training strategy, teaching.

[1] Licenciada em Letras/Espanhol, Especialista em Orientação e Supervisão Escolar, Mestre em Educação, Doutoranda em Educação na PUCRS, orientanda da Drª. Maria Helena Menna Barreto Abrahão e integrante do Grupo de Pesquisa "GRUPRODOCI", por ela liderado. E-mail:.claudiaflores_412@hotmail.com

Artigo recebido em junho de 2010; aprovado em agosto de 2010

A narrativa enquanto fonte (possível) de interpretação de si mesmo

> *"Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar, a autoconfiança"*
>
> (THOMPSON, 1988)

Assentar as histórias de vida pensadas como caminho metodológico coloca o desafio de trabalhar para além do quadro lógico-formal, positivista; propõe um olhar sob uma perspectiva aberta e a incorporação da subjetividade como elemento fundamental da constituição epistemológica do saber neste campo do conhecimento. Os professores identificam a memória de si, analisando como o passado desempenhou um papel ativo na construção de sua identidade profissional. Dessa forma, recorrer ao processo narrativo como meio de discursividade e questionamento pessoal tem a intenção de articular os caminhos de formação pessoal e profissional e verificar se estes podem indicar processos constitutivos de uma identidade docente**.** O interesse de fundo converge, sobretudo, para a recursividade que produz ao mesmo tempo as narrativas pessoais e o campo ambiental, no sentido psicossocial em relação a estas narrativas. Interessa também salientar que a preocupação com o bem-viver e, particularmente, as práticas de uma educação voltada para o tema vêm se construindo enquanto um *Bem* na contemporaneidade. Isto é, um sentido valorizado pela sociedade que tende a ser incorporado pela educação, ao mesmo tempo em que se oferece como possibilidade para os processos de formação identitária. Desta forma, crenças, valores, atitudes e práticas orientadas convertem-se num valor ao mesmo tempo social e pessoal. O saber da experiência articula-se, numa relação dialética, entre o conhecimento e a vida humana. É um saber singular, subjetivo, pessoal e particular ou coletivo mediado pelos acontecimentos. Isto porque a transformação do acontecimento em experiência vincula-se ao sentido e ao contexto vivido pelo sujeito.

Para Carvalho (2006), no horizonte da modernidade, tornou-se impossível assegurar uma idéia única de bem-viver, portanto o ideal ético busca legitimar-se no âmbito discursivo, sobre bens particulares. Assim, uma educação estética e de bem-viver poderia ser pensada como portadora de um ideal ético que entende o ambiente como um Bem expresso numa visão de bem-viver orientado de forma coerente. Contudo, para estabelecer-se na pluralidade de orientações da sociedade contemporânea é preciso disputar o posto da legitimidade no reconhecimento social de crenças fundamentais.

Hermann, (1997, p.188), declara:

> Do debate contemporâneo podemos apreender que não existe instância nenhuma fora do discurso para orientar nossas ações. A idéia de um bem aparece como ponto de cruzamento de uma multiplicidade de idéias sobre o bem viver, que concorrem entre si e por isso não há fundamento ou uma substância que assegure O Bem. (...) Cada época constrói, entre as pluralidades de perspectivas, algumas idéias que orientam a vida humana, dependentes da experiência comunicativa de sujeitos que vivem biografias próprias, em cada época.

A experiência comunicativa da qual fala a autora também poderia ser salientada em sua dimensão constituinte das formas de ação moral e do horizonte das práticas culturais de uma determinada época e grupo social. Este parece ser o caso da construção social contemporânea da preocupação e do cuidado para consigo e com o outro, tomados como um valor. As trajetórias profissionais são parte viva desta produção cultural da modernidade a partir da qual se torna possível pensar uma educação que pondere as diferentes formas de formar o sujeito.

Considerando a pesquisa narrativa no campo da formação de professores, de acordo com Nóvoa (1988) as histórias de vida dos professores são fundamentais para compreender o processo da formação e da profissão docente, uma vez que elas revelam elementos para a elaboração de novas práticas educativas. É em parceria com o pensamento desse autor que se justifica a importância de resgatar narrativas (auto)biográficas. Por sua vez, Josso (2004, p. 48) nos presenteia com a seguinte afirmação: "Falar das próprias experiências é, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é vivido na continuidade temporal de nosso ser..." Neste processo de formação podemos tecer com fios de memórias de vários tempos, lugares, falas, fragmentos de escritas, registros, e reflexões. Enfim, podemos nos interrogar como as lembranças das memórias veladas e reveladas no processo de autoformação, humanizarmo-nos a partir de fatos que nos remetam às lembranças como experiências formadoras com o sentido anunciado por Josso (2004), que implica articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação. Em outro momento a autora expressa a ideia de que a narrativa de formação obriga que se faça um balanço do que se fez nos dias, meses e anos relatados, permitindo-nos ter consciência da fragilidade das intencionalidades e da inconstância de nossos desejos.

Retomo à ideia do significado da memória de si para o processo de formação nas palavras de (ABRAHAO, 2004, p. 203), quando a autora afirma que "as (auto) biografias são constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida. Esse processo de

construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória".

Assim, declaro que buscar aporte no recurso pedagógico do uso de narrativas como um caminho capaz de possibilitar o resgate das histórias de professores em seu processo de formação é um horizote possível que pode e deve contribuir com o processo de aguçar a memória de si para pensar no significado da identidade na formação do sujeito.

Experiência e sentido

Para Souza (2006), experiência e informação não expressam os mesmos sentidos: narração, saberes educativos da experiência e práticas de leitura de si e do mundo reafirmam outras compreensões sobre o sujeito da experiência, visto que se opõem ao sujeito da informação, porque os acontecimentos têm sentido para além de uma mera informação. É um ator que se apodera de suas transformações, sendo afetado e afetando o que lhe acontece, produzindo marcas e implicando-se com sua itinerância. Também é o sujeito da experiência um porto ou um ponto de chegada e de partida das suas vivências, dando-lhe abertura, escuta, implicação e modificando-se, a partir da sua constante exposição aos saberes advindos da experiência. Deste modo, importa frisar que a partir dos anos 90 emergem pesquisas sobre formação de professores que abordam as histórias de vida, tematizando sobre a memória, as representações sobre a profissão, os ciclos de vida, o trabalho com a autobiografia ou as narrativas de professores em exercício, em final de carreira ou em formação. Essa perspectiva de pesquisa vincula-se ao movimento internacional de formação ao longo da vida, que toma a experiência do sujeito adulto como fonte de conhecimento e de formação, como **'abordagem experiencial'**. A narrativa (auto) biográfica – ou, mais especificamente, o relato de formação – oferece um terreno de implicação e compreensão dos modos como se concebe o passado, o presente e, de forma singular, as dimensões experienciais da memória de escolarização e de formação. Entender as afinidades entre narrativas (auto) biográficas no processo de formação e autoformação é fundamental para relacioná-las com os processos constituintes da aprendizagem docente. Assim, as implicações pessoais e as marcas construídas na trajetória individual/coletiva, expressas nos relatos escritos, revelam aprendizagens da formação e sobre a profissão. Com base nestes pressupostos, reitero que neste trabalho, tenciono discutir perspectivas teóricas sobre a abordagem experiencial e assim, concordo com (Josso, 2004), no que concerne às narrativas de formação de professores no âmbito da pesquisa educacional. O objetivo é refletir sobre a potencialidade do trabalho centrado nas histórias de vida e suas

implicações com os saberes, os dispositivos de formação e os modelos da prática educativa que se cristalizam no cotidiano.

A "biografia educativa" foi um conceito formulado por Pierre Dominicé nos anos 80. Tendo como referência a tradição das histórias de vida na perspectiva sociológica, o autor experimenta um enfoque centrado na narrativa de formação, diferenciando do que anteriormente foi realizado nas Ciências Humanas (JOSSO, 1988). Em L´histoire de vie comme processus de formation, Dominicé (1990), relata a construção de seu caminho de investigação que, partindo do trabalho sobre avaliação, encontra, na abordagem autobiográfica, uma forma de estudar o processo de aprendizagem de adultos. Segundo esse autor, a biografia educativa não é uma autobiografia completa como a história de vida, mas é o relato das experiências que, ao longo da vida, se constituíram de maneira formadora, trazendo a intensidade de um processo muito pessoal marcado por seu sentido coletivo. As histórias de vida enfatizam os percursos formativos, a compreensão e a análise biográfica desse processo vital – a construção do conhecimento – alavancando transformações pessoais e profissionais. É no movimento dialético entre passado, presente e futuro que os sujeitos se apropriam da vida como processo formativo autônomo.

A realidade (interna) declarada nos relatos

> A mente é formada, numa incrível proporção, pelo ato da invenção do ser, pois por meio dos prolongados e repetitivos atos da auto-invenção definimos o mundo, o alcance de nossa atuação nele e a natureza da epistemologia que governa o modo como o ser conhecerá o mundo e, na verdade, a si mesmo. A auto-invenção, devido à sua própria natureza, cria disjunções entre um ser que conta no momento do discurso e os seres esquematizados na memória (BRUNER, 1995, p.158).

Nossos sentidos são o que nos prendem enquanto limitados pelas nossas impossibilidades. Um bom escritor de si, no meu ponto de vista, é aquele que mantém a sua mente aberta para entrar na narrativa sem qualquer preconceito e racionalidade e considera assim, um exercício de intuição compreensiva da realidade da qual não necessita provas para ser aceita; ela, em si, remete a uma verdade interna, o que dá noção de significado.

É fundamental pensar na realidade interna expressa nos memoriais. Esta linguagem, usada projetivamente se resume na **busca do sujeito pelos segredos de seu próprio eu** no restabelecimento do contato consigo.

> A consciência humana enquanto intencional, a consciência de si, seria um tender ou intender para fora de si mesma, ao conformar toda exteriroridade; movimento essencial de captação do que pode ser captado desde a estrutura própria do sujeito como apreensão de ser, estrutura transcendental presentificadora (PELIZZOLI, 2002, p.49).

Ainda para este autor, a narrativa pode ser evidenciada como um exercício da fenomenologia como intencionalidade a um poder criador. Assim, a intencionalidade é vista como movimento latente e como meta projetada, que tenciona um fim, um *telos*. A identificação referencial aproxima o criador e a narrativa criada na construção de um saber além do real e que se constrói na medida em que se identifica e se afirma como tal. Na subjetivação da consciência de si é destacada a confluência com o mundo e com outrem, porque não somos abstratos, mas intersubjetivos, na interpretação de Pelizzoli (2002, p.139), na medida em que o outro emerge. Para ele, a constituição existencial do *Aí* pertence à disposição afetiva ou afecção, o que é significativo na medida em que a concretude do ente (Dasein) se mostra mais palpável. Melhor dizendo: uma vez envoltos em um estado de afecção em um ambiente encharcado de emoções, estados de ânimo, afloram desejos e sentimentos (bons ou ruins). A afecção, em *Ser e Tempo, (*HEIDEGGER, *1979)* apresenta um caráter ontológico num sentido tão fundamental quanto o conhecimento.

O *corpus* de análise para pensar sobre vida e docência pode ser obtido através dos memoriais, configurados como fonte e proposição de um "ateliê biográfico", conforme composto por Josso (2004). É importante destacar que para Souza (2006) o memorial, enquanto método autônomo de investigação é uma alternativa de mediação entre as histórias individuais e sociais, profissionais e sua utilização é crescente nas últimas décadas em diferentes áreas do conhecimento.

Na tentativa de conjugar diversos olhares sobre a formação de professores a partir da teia de eventos que compõem nossas vidas, afirmo que podemos pensar na singularidade do humano e nas perspectivas que norteiam as nossas escolhas, sob o viés empático do memorial.

A narrativa está presente em nossa vida e é, através dela, que podemos nos propor a fazer dela, que podemos nos propor a fazer história e a procurar melhores explicações conceituais e metodológicas sobre nossa perspectiva de futuro e o sentido mais profundo do humano (ABRAHÃO, 2004, p.90).

Memoriar (se) a cada etapa da vida: um exercício de fluidez

"(...) E estremece em mim o mundo. (...) Sou caleidoscópica: fascinam-me as minhas mutações faiscantes que aqui caleidoscopicamente registro. Sou um coração batendo no mundo."

(CLARICE LISPECTOR)

O Memorial neste trabalho é entendido - e defendido - como um instrumento pedagógico capaz de agregar inúmeras fontes de pesquisa, embora se reconheça que a forma autobiográfica narrativa carrega em si uma carga de subjetividade não encontrada em outros instrumentais pedagógicos. No entanto, é valido ressaltar que subjetividade e objetividade se não andam *pari e passo* e são dictomizados na ação reflexiva, transformam-se em subjetivismo e objetivismo, como agrega Freire (1987) quando afirma que confundir, neste caso, subjetividade com subjetivismo, com psicologismo é negar a importância que tem no processo de transformação do mundo, da historia e, portanto é se deixar cair num simplismo ingênuo. Nessa linha de pensamento é possível afirmar que os Memoriais são instrumentos pedagógicos reflexivos, porque promovem a articulação entre vivências sociais e educativas no contexto em que ocorrem; atribuem re-significação ao espaço, ao tempo e ao lugar vividos, permitem que o sujeito elabore interconexões entre as suas histórias de vida em termos políticos, sociais, educacionais e familiares, que fomentam reflexões sobre as condições nas quais se produziram determinados processos educativos; possibilitam que o sujeito se pense como parte integrante de uma história social que não é só sua, identificando-se com as demais histórias e com isso incrementam a (re)ligação de saberes por demonstrarem diversas formas de ensinar e de aprender.

A seguir, fragmentos de um Memorial escrito como exercício de (re) pensar um mundo de sentidos, em que tempo e memória possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos dos lugares, das pessoas e das dimensões existenciais.

Como se sabe, a ordem cronológica é reelaborada pelo narrador e o tempo é apreendido no sentido de uma suspensão da Cronologia. Memórias pertencem a outro tempo, que é vivido e revisitado toda vez que um autor se propõe a escrever. E assim me encontro enquanto componho este parágrafo: diante de um volume textual que precede este tempo e é como se seu lugar fosse o de um registro de continuidade.

Nas palavras de Thompson (1988, p.43): "A história não deve apenas confortar; deve apresentar um desafio, e uma compreensão que ajude no sentido da mudança… O que se requer é uma história que leve à ação; não para confirmar, mas para mudar o mundo".

Nessa busca como exercício "caleidoscópico" de onde se podem extrair dados para análise e comentário, ofereço a mim mesma a possibilidade de (re)ver um mundo de sentidos.

A autonarração desenha-se na subjetividade e estrutura-se num tempo (PINEAU, 1988) tempo de lembrar, de narrar, de refletir, de construir associações, de estabelecer sentidos ao que foi vivido, a partir de significados particulares e coletivos de diferentes experiências formadoras, as quais são reveladas nas capacidades e no investimento do ator falar e escrever sobre sua história de vida e de formação, construído sobre si mesmo.

Para mim, era difícil aceitar viver enclausurada a uma cidade cujos valores machistas eram agregados a cada homem ou mulher que nascesse naquela família - a minha. Às mulheres, casar, morar na zona rural e parir pelo menos dois filhos (um casal, de preferência), obedecer às regras de moral e bons costumes catequizadas nas missas dominicais era ***tradição*** *- e castigo, para mim. Obviamente que fui me revoltando e me revigorando a cada discussão familiar, aos dedos em riste sentenciando: "vais quebrar a cara."*

O sujeito que narra (e expõe) a sua vida, se encontra em uma posição em que se permite narrar e interpretar a si mesmo. Essa forma de (se) ver e (re) ver faz do autorrelato uma construção aberta, explícita.

Teimei em estudar e não ser uma mera "mulher de marido" de uma cidadezinha fronteiriça dominada por uma pseudo-sociedade cujos valores não são – no meu ponto de vista – centrados no humano, mas no poder do maior sobre o menor, do senhor sobre o escravo, de forma dissimulada e hostil.

Do ponto de vista *ontológico*, o aporte das histórias de vida procura o reencontro do ser com ele mesmo em partilha com as pessoas e o mundo, na construção de sentido através da linguagem. O Memorial constitui, pois, uma autobiografia configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e critico que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido (SEVERINO, 2001, p.175).

Ainda no magistério, fui questionada sobre minha preferência literária e, contrariando a lógica do Pequeno Príncipe, de Exupéry, disse gostar de um livro chamado "As veias abertas da América Latina". Era uma espécie de leitura estranha, para não dizer proibida ou não divulgada. O "ideal" era ler autores leves ou que não nos fizesse pensar na realidade. Não desconsidero a leitura de Exupéry, mas a filosofia não era tida como sabedoria prática. Era fantasia.

O que a escrita de si possibilita são noções do humano trazidas para o registro da narrativa. As vidas passam a ser textos e se fundamentam em regras de gênero e convenções que as regem. Dessa forma, o narrador do (auto) relato não é completamente o personagem

que protagoniza a ação. Fica evidente que se está destacando uma disjunção entre o sujeito que narra (narrador) e o foco narrativo, mesmo que na autobiografia se trate de um foco em primeira pessoa, do tipo "eu-protagonista". Para Bruner (1995) a autobiografia transforma a vida em texto e é somente pela textualização que podemos conhecer a vida de alguém. Nesse sentido, valoriza na autobiografia não apenas o conteúdo ou os acontecimentos relatados (o que dizer/o que aconteceu), mas também o estilo do relato (como contar, para quem se fala).

Cheguei à faculdade como uma criança no jardim da infância, aos vinte e seis anos de idade e pelo menos dez anos de defasagem em relação às colegas que sempre viveram e um ambiente de estudos. Tive que retomar com certo constrangimento – confesso - as lições de História Geral, Filosofia e Sociologia que não me foram apresentadas como deveriam: de maneira crítica e intimista. De conhecimentos gerais, eu nada sabia! Meus professores haviam passado textos inócuos no quadro verde e feito discursos na mesma ordem: inconsistentes e pouco inspiradores. Não sei se foram os professores ou a escola, mas houve falha e gerou crise. Não aprendi a pensar. Rebelei-me diante de tal crime.

Para Abrahão (2004), o adulto, ao narrar-se desenvolve uma visão retrospectiva e prospectiva da própria trajetória de vida. Olhamos o passado com o olhar do hoje. Por isto, observadores de nós mesmos, de nossa história, trazemos à tona aquilo que nos desacomoda como forma de repensar nossas ações passadas e futuras.

Eu tinha, desde aquele tempo, uma teimosia na alma, um jeito de procurar entender o mundo e as pessoas que me levava a ter que sentir o cheiro de gente, me sentir próxima, conviver em meio à diversidade. Fui aluna do Magistério de um colégio Católico. As irmãs, doces e zelosas, pediam para eu não "polemizar" durante as discussões nas aulas de didática, quando não me conformava em fazer recortes e colagens como se fôssemos um bando de criancinhas. Eu queria saber sobre o dar aula a crianças e adultos, conhecer sobre o desenvolvimento humano e saber lidar comigo mesma e com as pessoas.

Opor-se à idéia de frear a potencialidade latente no ser humano é dizer aquilo que se pensa, mesmo que em determinados momentos a "ordem vigente" se sinta ameaçada. Com isso, é importante pensar no discurso e na recursividade deste, enquanto meio de dar voz aos nossos anseios. Assim, concordo com Ricouer (1978, p.79), para quem "o discurso é uma tentativa incessantemente renovada para exprimir integralmente o pensável e o dizível de nossa experiência".

Era um tempo em que se obedecia, tempo de resquícios de ditadura, em que o coronelismo vestia (ao menos na minha cidade), bota e bombacha. Nas casas não se falava em política. Isso era "coisa de homem"; mulher tinha que ficar ao lado da mãe e aprender as lides domésticas para ser uma "boa esposa."No embate pessoal contra os conceitos culturais introjetados pela vivência, manter minhas proposições foi ao mesmo tempo um exercício de libertação e cura. Eu buscava lucidez.

Este argumento de formação encontra aporte em Josso (2004, p. 62), quando a autora afirma que é fala de si é *"Transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir, guiada por um aumento de lucidez"*.

Durante minha fuga para sair de um estado de placidez intelectual e chegar à universidade, tive que romper com tudo o que me remetia ao lado provinciano e de valores rasos (ao menos para mim). Contei, felizmente, com pessoas cultas (no sentido acadêmico) e com a simplicidade e a cultura (de vivências) de amigos que fui fazendo ao longo dos anos. Aprendi que não precisamos andar por linhas retas...

Para Bruner (1995), a forma de uma vida é função tanto das convenções de gênero e estilos a que se submete a narração dessa vida, quanto, por assim dizer, daquilo que "aconteceu" no seu decorrer. Os pontos decisivos de uma vida não são provocados por fatos, mas por revisões na história que se usa para falar da própria vida e de si mesmo. O que o leva a propor que, num certo sentido, as vidas são textos: textos sujeitos à revisão, exegese, reinterpretação e assim por diante.

Ao término da faculdade fiz uma especialização e então comecei a querer mais de mim mesma. Ingressei no Mestrado em Educação, fato que potencializou fortemente o meu desassossego diante da realidade, que a partir de então passou a ser focalizada na ***formação de professores.***

Os processos reflexivos de interpretação que se expressam no conceito de textualização parecem ser para Bruner (1995) uma característica da própria autoconsciência, um fenômeno histórico que está na origem da própria modernidade.

Ainda, para Bruner (1995, p.149): "Minha argumentação geral é a de que a transformação histórica desse tipo de autoconsciência no Ocidente constitui o determinante principal da mentalidade moderna - as formas do gênero autobiográficos por ele produzidas. Nessa avaliação, o declínio da servidão e do feudalismo, as abstrações inerentes ao uso do dinheiro e a idéia de excedente de recursos e reservas podem ter provocado um impacto sobre essas formas orais e altamente passíveis de interpretação, o mesmo tipo de impacto já provocado pela cultura escrita".

Por conseguinte, reforcei em mim as virtudes que a Ética estuda, sejam as recebidas dos costumes da cidade, seja as adquiridas pelo ensinamento e só na vida política encontram o campo do seu pleno exercício. E então perdoei aquele lugar de onde eu vim, ao qual chamo de "Alcatraz" e decidi ser feliz e livre com as minhas escolhas.

Viabilizar experiências de vida e reconhecê-las como fundamento da própria vida é um movimento libertário, de maturação, enquanto processo necessário e intermitente que só pode ser analisado se sentido. Portanto, visto de outro modo, é "Apreender os sentidos que o processo de formação tem para o sujeito docentesignifica considerar o processo histórico de vida e sua memória" Azambuja e Fortes de Oliveira (1997, p. 6).

É possível construir, diariamente no processo de interação, uma ponte que viabilize um transitar tranquilamente entre o que fomos, o que somos e aquilo que desejamos ser. Escrever e *memoriar-se* é um processo que se constitui na articulação do tempo vivido, referendado e que vai vislumbrar limites e possibilidades de um tempo futuro, que é vivificado no presente, na narrativa, no ato de olhar realmente para a nossa própria e inacabada figura. Até que isso aconteça, é possível inferir que é como se tivéssemos vivido como seres fragmentados, divididos e pagamos por inteiro o preço da parte que deixamos que se desprenda de nós mesmos.É preciso se livrar de uma espécie de limo que se acumula diante de um tempo mórbido, impensado, sem interrogações e exclamações. Um tempo pautado no ponto final. Importa viver e se rever nas nossas escolhas e na singularidade de quem somos diante de uma vida plural que merece ser abarcada de uma forma genuína porque isso se reflete nas nossas falas, nas nossas atitudes.

Afirmo, portanto que o memorial é um exercício de enxerga. Com ele, é possível visualizar o passado e o presente, admitir questionamentos e, a partir deles, vislumbrar novas proposições para o futuro. Os sentimentos e representações construídos e expressos na escrita do memorial marcam formas particulares de apreensão, visto que as mesmas caracterizam-se como "processo de formação" e "processo de conhecimento" (Josso, 2004), e se inscrevem nas experiências vividas ao longo da vida de cada sujeito, configurando-se como atividade formadora. Cada período ou ciclo da vida reúne vários fatos formadores e articula-se com outros períodos em torno de momentos em que o sujeito, tendo que se confrontar consigo mesmo, se vê obrigado a fazer escolhas e a se reorientar: Desenvolver e explicitar as ideias e valores que presidiram suas escolhas e que levaram ou não a mudanças importantes descortinam aos professores outras possibilidades não consideradas até então. Pautado na importância do esforço do sujeito em localizar o que foi "estruturante e mobilizador" em sua vida, (JOSSO, 1988, p.45), tem início outro momento: pensar em movimentos potencialmente geradores de novos significados e questionamentos. A partir de então, o caráter formador das histórias de vida, forjado ao longo de um processo de aprendizado da reflexibilidade, se explicita na abertura que os sujeitos passam a ter na sua relação com os saberes, que:

> (..) implica-os diretamente como sujeitos que utilizam os referenciais que edificaram e dos quais se apropriaram no seu percurso de vida para construírem significados que não têm outra legitimidade senão a de serem resultado pensado das suas experiências (JOSSO, 1988, p. 48).

Enquanto instrumento pedagógico, o Memorial, tem como objetivo contribuir para suscitar reflexões sobre Sociedade e Educação e Formação Docente, oferecendo aos sujeitos participantes a oportunidade de pensar sobre si mesmos no conjunto de relações que se estabelecem no processo de formação social e educacional. Isto posto, existe igualmente a pretensão de desvelamento através de associações, articulações, descobertas, reflexões e possibilidades que vão sendo tergiversadas durante a escrita e que abrem um espaço para pensar no Memorial como um instrumento pedagógico promotor de demandas reflexivas frente ao vivido e a verdade constitutiva do contexto social passado, presente e futuro, num movimento que envolve ações estruturais políticas, psicológicas e institucionais, com atuação sobre os sujeitos de forma recursiva na vida em sociedade. Um movimento que não impede os sujeitos de pensarem sobre suas próprias condições sociais de vida e que estas condições não são apenas suas, mas de todo um conjunto social. Embora, se reconheça que há particularidades que são próprias de cada pessoa, há nele um sujeito, coletivizado pelo processo de socialização, como nos diz Severino: “A história particular de cada um de nós se entretece numa história mais envolvente da nossa coletividade (SEVERINO, 2001 p.175)”.

Para finalizar...

Platão dizia que **"Todas as grandes coisas se expõem ao perigo".** Reitero suas palavras ao afirmar que contar a própria vida representa uma oportunidade (grande) de rever, reorganizar o processo de formação, mas também pode ser o início do ato de interrogar *perigosamente* os pressupostos que pautaram as escolhas feitas no passado e com isso vislumbrar uma complexa possibilidade de exercício crítico e reflexivo no tempo presente que pressupõe novas possibilidades de futuro. O perigo é entendido aqui no ato de se expor, em se desvelar, em derrubar barreiras, em incitar o próprio leitor a buscar novas águas, em novas fontes. O memorial enquanto instrumento pedagógico é um exercício que não é neutro, uma vez que pensar sobre si, escrever sobre si e debruçar-se em um conhecimento existencial como projeto de vida é apropriar-se da própria existência, o que torna o SER homem/mulher docente, autêntico e, portanto, impregnado de preposições, que geram aproximações ou distanciamentos. A abordagem biográfica na formação docente é importante justamente por dar voz e expressão à subjetividade do professor, quase sempre ignorada e suprimida em seu

quotidiano, como bem afirma Nóvoa (1988) quando declara que **o profissional não está separado da pessoa, assim como a identidade está atada a uma identidade profissional**. Enquanto potencial emancipador, o sentido dos movimentos e processos, tanto no sentido das investigações, quanto no da formação, depende da intensidade da experiência, ou melhor, de que o encontro reflexivo constitua, efetivamente, uma experiência tanto para o investigador como para os sujeitos da pesquisa. É necessário, porém, se deixar tocar, mobilizar, trans (formar). Na perspectiva de Azambuja e Fortes de Oliveira (1997), o estudo de si, visto desta forma, busca conhecer o imaginário social de um professor, enquanto contributo à sua formação e visa possibilitar o conhecimento e a compreensão da constituição dos saberes docentes como parte colaborativa do processo formativo. Finalmente, reitero que o memorial, busca conhecer e possibilitar a organização dos processos de produção de subjetividade através do relato de uma história de vida apresentada e significada, não estando livre de interpretações e (re)significações. As nossas e as daqueles que nos lêem. Ao ler um memorial, tanto o leitor quanto o escriba, não fica de fora. É impossível. Do texto emergem personagens esquecidos no tempo que ao serem evocadas se entrelaçam e se amontoam, como se esperassem para serem vistas, tocadas, decifradas. É a necessidade quase palpável de dar sentido àquilo que é sentido, vivido, evidenciado.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (org.) *A aventura (auto) biográfica – teoria e empiria.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AZAMBUJA. Guacira, FORTES DE OLIVEIRA, Walesca. *Processos de Formação de Um Professor.* Disponível em http//www.inep.gov.br/censo educacional 1997. Acesso em 12/06/2010.

BRUNER, Jerome; WEISSER, Susan**.** A invenção do ser: autobiografia e suas formas. In: OLSON, D. R; TORRENCE, N. *Cultura e Escrita e Oralidade.* São Paulo: Ática, 1995.

CARVALHO, I. C. M. Invenção e auto-invenção na construção psicossocial da identidade: A experiência constitutiva do/a educador/a ambiental. In: Guimarães, Mauro (org). *Caminhos da educação ambiental.* Campinas: Papirus, 2006.

DOMINICÉ, Pierre. *L´histoire de vie comme processus de formation.* Paris: Éditions L´Harmattan, 1990.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HEIDEGGER, Martin, *El Ser y el Tiempo,* 7ª ed., (Trad. de J. Gaos), México/Madrid/Buenos Aires: F. Cultura Economica, 1979.

HERMANN, N. Educação e ética: relações e perspectivas. In: L. H. Silva, Azevedo, J.C., Santos, E.S.S (orgs). *Identidade Social e a construção do conhecimento.* Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito, ao sujeito da formação. In: FINGER, M. e NÓVOA, A. (org.). *O método (auto) biográfico e a formação.* Cadernos de Formação 1, Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. P. 37-50.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiência de Vida e Formação.* São Paulo: Cortez, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução In: *Gênero e Educação.* Educação & Realidade, v.20, n.2, jul/dez. 1995.

NASCIMENTO. Thiago Carreira Alves. *SENTIDO E COMPREENSÃO EM SER E TEMPO*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/ 2009.

NÓVOA, Antonio. "A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus". In: FINGER, M. e NÓVOA, A. (org.). *O método (auto) biográfico e a formação.* Cadernos de Formação 1. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. *O eu e a diferença.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PINEAU, Gaston. A autobiografia no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: FINGER, M. e NÓVOA, A. *O método (auto) biográfico e a formação.* Cadernos de Formação1. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988

PLATÃO. *OS PENSADORES.* Coleção. São Paulo, Nova Cultural, 1991.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Cientifico.* 21. ed, São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, Lenina Lopes Soares. JÚNIOR˙, Alcides Leão Santos. *O memorial como instrumento reflexivo: um relato de experiência acadêmico-pedagógica.* Revista da UFG. N. 02. 2005.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores.* Rio de Janeiro/Salvador: DP&A, UNEB, 2006.

THOMPSON, P. *La voz del pasado. Historia oral.* Valencia: Alfons el Magnànim. 1988.